

# O MOTIVO DA VIAGEM NA LÍRICA DE EMÍLIO MOURA

## *THE REASON FOR THE TRIP IN EMÍLIO MOURA'S POETRY*

Luciano Marcos Dias Cavalcanti\*

**RESUMO:** Neste texto, pretendemos analisar como Emílio Moura se utiliza do motivo da viagem na construção de sua poética. Nessa perspectiva, a poesia emiliana priorizará o ato da criação concordando com o significado constitutivo da imagem da viagem na modernidade, que se dá, principalmente, em sua amplitude.

Palavras-chave: Emílio Moura; viagem; poesia

**ABSTRACT:** In this text, we intend to analyze as Emílio Moura it uses of reason of the trip in the construction of its poetical. In this perspective, emiliana's poetry will prioritize the act of the creation agreeing to the meaning constituent of the image of the trip in modernity, that if of, mainly, in its amplitude.

keywords: Emílo Moura; trip; poetry

O tema da viagem encerra um caráter universal na literatura, recebemos sua influência e absorvemos algumas de suas características provindas principalmente da Literatura Portuguesa. De acordo com Maria Alzira Seixo, o mito da viagem iniciou-se com os Argonautas, para posteriormente, se enraizar na modernidade com os poemas homéricos. A viagem caracterizava-se originalmente pela presença de alguns elementos como a riqueza, a conquista, os laços familiares e as paixões, também atreladas pelas vias marítimas, havia as habitações empíreas dos deuses e de alguns heróis. Mais tarde, na literatura medieval e renascentista (como o *Auto da Alma* e o *Pilgrim's Progress*), crescerá na viagem o aspecto escatológico. Nesse sentido, a viagem representará o trânsito provisório do homem no mundo, assim como a entrada do ser na *duração absoluta da internidade*.

Ritos iniciáticos, espaços, espaços liminares e progressivos, tempos de espessura diferenciada, ritmos diversos de escalas, paragens, desvios movimentos que sempre de forma humana ou animal, com a utilização em sinédoque do meio de transporte, e em metonímia do território atravessado, se configura e se produzem em escrita. (SEIXO, 1998, p.12-13).

O movimento é a essência da viagem. É após o primeiro impulso que leva o viajante iniciar sua viagem. Portanto, para a viagem avançar em seu deslocamento o movimento é imprescindível, seja o desejado, seja o imaginado.

---

\* Professor do Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR; Três Corações; Minas Gerais; Brasil; Doutor em Teoria e História Literária IEL/UNICAMP, bavarov@terra.com.br

A viagem antiga se diferencia da moderna, esta inacabada e inconclusa. A partir do Romantismo, ampliam-se seus limites do real e a viagem passa a se destacar por seu caráter onírico somado ao desejo de fuga e evasão do sujeito. Dessa forma, os relatos modernistas vão se fixar principalmente na distinção do observador que nos dá, em seu sentido último, sua visão (muitas vezes deformada por seu olhar expressionista) ao invés da descrição.

A poética da viagem apresenta vários desdobramentos. Maria Alzira Seixo os agrupa em três zonas, sendo que as duas primeiras características muitas vezes se relacionam entre si, estabelecendo um intercâmbio entre os relatos histórico e o relato literário e/ou vice-versa. A primeira forma diz respeito à *viagem imaginária* e “recobre mitos e textos lendários e alegóricos da Antiguidade e da Idade Média, assim como as utopias, e ainda todos os relatos de viagem da literatura mais recente sem referência do acontecimento circunstancial”; a segunda refere-se à *literatura de viagens*, que se constitui “por textos diretamente provindos pelas viagens de relação comerciais e de descobrimentos, de exploração e de indagação científica, assim como pelas viagens de escritores que decidem exprimir por escrito as suas impressões referentes a percursos concretamente efetuados”; a terceira, enfim, diz respeito à *viagem na literatura*, que é “utilizada como ingrediente literário, em termos de motivo, de imagem, de intertexto, de organização e fabulativas, etc. e que está presente ao longo de toda a história da literatura, com particular acuidade para os séculos posteriores ao Romantismo”. (SEIXO, 1998, p.17).

Dentro dessa perspectiva, um aspecto marcante da viagem diz respeito ao fato de que o tempo e o espaço ocupam caracteristicamente direções opostas, enquanto que no percurso da viagem o que se ganha em espaço, se perde em tempo. Outro ponto importante na definição da viagem é o da deslocação, no sentido de que um lugar é substituído por outro durante o percurso do viajante – (o que pode efetivamente não ocorrer, pois existem vários exemplos de narrativas de viagem clássicas, dos livros de viajantes do Romantismo ou dos diários de viagem ou impressões de viagem de escritores ou de personalidades contemporâneas que eliminam o movimento da travessia). (Cf. SEIXO, 1998, p.22).

Mais um elemento de destaque na literatura de viagem é o seu caráter interior, uma espécie de busca de sentido.

E sintomático é que um dos romances decisivos do século, *À la recherche du temps perdu*, faça da viagem interior e temporal o seu eixo de construção, sem desprezar a viagem física (que pelo contrário se articula em filamentos sabiamente dispersos numa ocupação decisiva do espaço, que é afinal a dimensão primeira dessa temporalidade experienciada e procurada na consciência do ser e na lucidez da escrita). Em qualquer destes romances a viagem configura uma busca do sentido, que passa pela análise do percurso do sujeito no mundo, dos materiais de que vai munido para esse percurso (modalidades do viático), entre os quais se situa a dimensão do outro (que em Conrad é mesmo estranho e estrangeiro), simultaneamente alimento e elemento metamorfoseador, porque entidade individual e atuante, intersubjetividade assumida numa relação de afeto, normalmente a relação amorosa. (SEIXO, 1998, p.33)

A diversidade semântica que recobre a problemática da viagem na literatura é inegável, mas talvez o mais significativo sentido que a viagem no tempo moderno adquire é o de romper com o espaço e o tempo convencionais. A poesia moderna empreende uma reelaboração desses elementos, no sentido de redimensioná-los, a partir da personalidade individual do poeta, pois a viagem “não significa apenas conquista cumulativa de novos espaços, mas, sobretudo, a criação de um espaço em que seja possível reduzir a multiplicidade individual da linguagem da poesia aos parâmetros homogêneos da linguagem do poema. Viagem: linguagem.”<sup>2</sup> (BARBOSA, 1986, p.32).

## O MOTIVO DA VIAGEM EM EMÍLIO MOURA

Emílio Moura pertence à geração modernista mineira de 1924, tendo participado do grupo de *A Revista*, que lançou os alicerces do modernismo em Minas Gerais e do qual também fizeram parte Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, João Alphonsus, Abgar Renault, entre outros. No grupo mineiro, Emílio Moura deixou sua marca pessoal: a sutileza. Não aderiu aos exageros do primeiro modernismo, era um crítico da abolição das regras gramaticais e preferia a introspecção lírica à divagação sobre os aspectos externos do mundo. Avesso às tendências vanguardistas da primeira hora, sem negar influências do modernismo, o poeta sempre foi autônomo e buscou sua própria linguagem. Não acreditava em modismos, por considerá-los passageiros, impróprios à elaboração artística que pretende ser intemporal. Em sua obra, é notável a influência simbolista, declarada em admiração especial a um de seus representantes mais significativos, Alphonsus de Guimaraens. Emílio Moura trabalhará em sua lírica preferencialmente os temas relacionados à condição existencial do homem: a morte, a solidão e o amor. Seu amigo de geração, Carlos Drummond de Andrade, considerou a característica mais marcante do poeta de Dores do Indaiá a sua atitude indagadora, identificando-a “sob o signo da pergunta” (ANDRADE, 1953, p.9), movido em seu significado mais elevado, o sentido da existência na busca do conhecimento do incognoscível. Assim revela a constância das interrogações em sua lírica, seu questionamento do mistério do homem solitário e sem rumo (à deriva?) – em um tempo turbulento, tempestuoso e aflitivo –, que não sabe se é ele mesmo quem ordena suas ações no mundo ou uma “força maior”, como aponta seu poema “Interrogação”, de seu primeiro livro, *Ingenuidade* (1931):

Sozinho, sozinho, perdido na bruma.  
Há vozes aflitas que sobem, que sobem.  
Mas, sob a rajada ainda há barcos com velas  
e há faróis que ninguém sabe de que terras são

<sup>2D</sup>esse modo, acrescenta o crítico, “Assim como a historicidade do poema moderno encontra a ilusão da intemporalidade um correlato preciso para o paradoxo essencial da modernidade, assim é na ilusão da ubiquidade de que a busca pelo poema se converte na ambição maior da destruição de todos os poemas pela instauração do poema único – convergência de todos os tempos e espaços. Até mesmo a prática do fragmento como roteiro para uma poética, como está, por exemplo, em Ungaretti, não faz senão acentuar este pendor do poema moderno: o fragmento é pensado como fragmento no horizonte de um único poema – aquele que é possível ler, somente é possível ler, pela procura incessante de uma linguagem perdida. A ilusão da ubiquidade encontra a sua justificação na hipertrofia do espaço poético: aquele em que todas as linguagens não são senão uma só: o poema.” (BARBOSA, 1986, p.32).

\_ Senhor, são os remos ou as ondas o que dirige o meu barco?  
Eu tenho as mãos cansadas  
e o barco voa dentro da noite.

Esta atitude do poeta frente ao mundo revela a poesia de Emílio Moura como essencialmente questionadora, em que o eu lírico, inquieto e desajustado, a maneira *gauche* de seu amigo itabirano, se confronta com as grandes questões metafísicas do homem inserido no mundo moderno. Este processo de composição poética se inicia justamente por meio do uso metafórico próprio ao motivo da viagem, como podemos perceber já neste primeiro poema que abre seu *Itinerário poético* (1969).

Na literatura de viagem, o mar é um elemento de extrema importância, normalmente é por meio dele que a viagem se efetua em seus múltiplos aspectos: é por onde se realiza a trajetória do viajante, proporciona aventuras perigosas ou até mesmo encontros inusitados com o fabuloso e com as descobertas. O mar apresenta alguns traços simbólicos significativos e se caracteriza, por exemplo, pelo seu caráter mutável, pela indefinição na forma, representa a grandiosidade e principalmente se mostra pelo seu caráter de lugar onde se gera a vida. De acordo com Torrano, ao lado da mutabilidade, do grandioso e do informe, o mar representa também “um tipo de sabedoria de inesgotáveis recursos, que prevê o imprevisível, que enxerga o recôndito e o inescrutável; – em suma: uma consciência, que como o Mar, domina, em todas as suas dimensões, a amplitude temporal e espacial.” (TORRANO, 1995, p. 62).

Na poética de Emílio Moura, o mar é um elemento constante, está presente de maneira explícita ou desdobrado em suas várias significações ou elementos. Em sua poesia encontramos: barcos, velas, vagas, naufrágio, faróis, ilhas, etc. Dessa forma, as metáforas náuticas constituem um *topos* frequente na poesia emiliana.

O meio de transporte mais utilizado para se fazer uma viagem na literatura será o barco (de grande importância simbólica, pois revela o lugar do indivíduo e da comunidade). Juntamente com a água (o mar), ambos estabelecem uma fluidez, apresentando um movimento quase automático e espontâneo, o que sugere um ritmo semelhante no texto literário.

Logo após o seu primeiro poema, em “Transbordamento”, o poeta retoma o motivo da viagem, mas, agora – de forma ainda mais evidente –, a uma viagem interior, com forte apelo ao imaginário e ao desconhecido.

A tarde diluída dentro de mim. O mundo tão vasto!  
As antenas da imaginação nas ondas de todo o mundo.  
Milhares de vidas (paisagens: milhares!)  
dão à alma o sentido diluído do maravilhoso fragmentado.

O desconhecido é a única base do espírito que viaja.  
Vontade de dominar todos os vislumbres da consciência em naufrágio.  
Oh! mas é inútil pensar na libertação de ser um dentro de si mesmo.  
O que vale é o que transborda, o que nos transcende a cada instante  
e adere às formas do que não vamos e cria as realidades que serão [eternas  
e faz o mundo tão vasto.

A viagem se apresenta como uma metáfora de transformação do indivíduo, que confronta seu próprio eu com o mundo gigantesco que habita. Situação que o inquieta por deixa-lo sem um solo estável (“terra firme”) para se firmar. O que significa que o eu lírico se sente inseguro e sua condição no mundo se torna incerta. A viagem empreendida pelo poeta se dá no plano do desconhecido e do transitório. Nesse sentido, como observa Ianni, a inquietação e a interrogação serão comuns nesse tipo de viagem interior.

A viagem pode ser uma longa faina destinada a desenvolver o eu. As inquietações, descobertas e frustrações podem agilizar as potencialidades daquele que caminha, busca ou foge. Ao longo da travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre mesmo e diferente, idêntico e transfigurado. (IANNI, 2003, p.26).

A viagem empreendida pelo poeta parece ser motivada pelo questionamento das coisas do mundo. O eu lírico está em busca de respostas, de um reencontro consigo mesmo, do desconhecido. Dessa maneira, a viagem configura uma busca de sentido, do “eu” no mundo que sofre as suas contingências. Portanto, o centro da viagem é o próprio “eu” que está em busca de verdades essenciais que o faça suportar a permanência no mundo.

Em “Encantamento”, de *Canto da hora amarga* (1936), o poeta retornará ao tema da viagem, trazendo a esse *topos* uma inversão. Nesta viagem o poeta intenta uma volta ao lugar de origem, não a saída de seu espaço original para outro lugar. O poeta não pertence mais ao lugar de origem, o seu possível retorno está estreitamente ligado a uma viagem imaginária que sai do mundo dos mortos e tem sua rota direcionada para a vida. O que na realidade o eu lírico está evocando é o final dos tempos cristão. Àquele, segundo os preceitos bíblicos, em que todos nós, sem distinção de classes – ou melhor, acompanhado por desvalidos –, retornaremos no dia do Juízo Final. Por isso, o poeta diz que inevitavelmente voltará para o mundo dos mortos. Nesse sentido, a morte recebe um sentido positivo, pois é através dela que se retornará ao suposto paraíso do tempo da criação. A volta aos tempos da origem, em que o homem vivia a felicidade plena. O poeta empreende uma viagem escatológica, o que podemos também relacionar, no sentido metalinguístico, ao retorno ao verbo original. Aquele que ainda não foi desgastado pelo uso corriqueiro da palavra, do momento da criação do mundo, do tempo da nomeação das coisas.

Se eu algum dia regressar (oh! as impossíveis viagens em que meu  
[corpo não estará presente!]  
eu bem sei que só há de ser com o propósito de partir de novo.  
Agora, por exemplo:

Tudo me traz, agora, esta ânsia virgem de mar alto.  
Partir, partir, de novo...  
Prestígio das ruas mal entrevista, eu vos evoco;  
eu vos evoco, sim, figuras sem nome, estradas esquecidas,  
corpos de jamais, eu vos evoco.  
Olhai: à sombra das coisas visíveis e invisíveis,  
tudo se revelará, um dia, como no momento mesmo da criação.

A metáfora náutica também será relacionada, com a sutilidade própria do poeta, a satisfação sexual. Em “Matinal” podemos perceber o momento de relaxamento e felicidade em que se encontra o eu lírico após uma noite de amor. Há no poema uma estreita relação do ato amoroso com o sublime (céu) e com o conforto trazido pelo ambiente líquido – ligado ao próprio ato sexual ou ao acolhimento do líquido amniótico – e também com o balanço marítimo, que metaforicamente representa a calma após a tempestade (o ato) sexual. O olhar pacificado e tranquilo do eu lírico se direciona para o corpo da mulher que é acariciado pelos movimentos serenos dos barcos (mãos e posteriormente pelos olhos) que deslizam sobre o corpo da amada, que descansa num sono tranquilo. Situação que deixa o eu lírico pleno, inacreditavelmente sem dúvidas.

Sobre as ondas mansas brincam os barcos.  
Diante de meus olhos matinais,  
As coisas se ordenam simples e perfeitas:  
O céu, o mar, teu corpo.  
Ah, o teu corpo!  
Meus olhos brincam sobre o teu corpo.  
Nenhuma nuvem na minha alma.

O próximo livro de Emílio Moura, *Cancioneiro* (1945), abre, significativamente, com o poema “A nau”. Nele, reaparece a forte marca do poeta, a pergunta.

A nau que chega do Além  
de onde é que vem?  
Meus olhos procuram no ar,  
penetram fundo nas ondas,  
mas fica a interrogação:  
a nau que chega do Além,  
dizei-me vós, a que vem?  
Meu coração se consulta,  
penetra fundo em si mesmo,  
mas fica a interrogação:  
a nau que chega do Além,  
dizei-me vós, a que vem?

Esta atitude questionadora, singular do poeta, acaba por colocar seu leitor diante do mundo, sem fixar verdades absolutas, abrindo um amplo campo de possibilidades de reflexão para seu interlocutor, que poderá realizar suas próprias meditações sobre as contingências do estar no mundo. Em entrevista a Frederico Moraes, o poeta mesmo revela o sentido da interrogação em sua poesia.

A interrogação cria no leitor o “estado de poesia” de que fala Valéry. Minha poesia não afirma. Afirmado, resolveria *a priori* tudo para o leitor. Interrogando eu ponho o mundo diante do leitor. [...] O mundo das coisas inexplicáveis continua denso. E eu me movo num “mundo” onde elas são mais frequentes. (MOURA apud LUCAS, 1991, p. 29)

Em “Marinha”, de *O espelho e a musa* (1949), a metáfora náutica refletirá novamente o caráter questionador do poeta. Este poema traz um novo elemento associado ao tema da vigem: a figura da musa. O eu lírico chama pela musa em um ambiente um tanto tormentoso e incerto. Ele não sabe para onde o seu barco irá se direcionar. O seu chamado pela musa se confunde com a agitação marítima, o que revela a angústia do poeta em um mundo turbulento, sem direção certa e a deriva.

O poema acaba por revelar uma “arte poética” que submete a criação do poema ao poder criador manado pela figura da musa, que inspira o escritor. Nesse sentido, a criação poética está submetida à inspiração fornecida pela musa, situando a poesia em um lugar especial e elevado, “acima do tempo”, capaz de realizar o “equilíbrio” entre “realidade” e “irrealidade”. Esta poesia é encontrada no plano irreal dos sonhos e do tempo ancestral, do início dos tempos, anterior ao mundo hodierno.

De acordo com a tradição clássica grega, é através da memória que se revela a unidade. Nela, presente, passado e futuro se fundem. No momento em que o poeta é possuído pelas Musas, ele absorve o conhecimento de Mnemosyne e obtém toda a sabedoria expressa pelas genealogias, atingindo o ser em toda a sua profundidade. É a descoberta da origem, do movimento primordial: a gênese dos deuses, o nascimento da humanidade, o surgimento do cosmos. Deste modo, é por meio da memória que o poeta tem acesso ao indecifrável e consegue enxergar o invisível.

Mircea Eliade nos aponta o papel fundamental que a memória (a *anamnesis*) tem na libertação da obra no tempo:

o essencial é recordar todos os acontecimentos testemunhados no curso da duração temporal. Essa técnica relaciona-se, portanto, à concepção arcaica (...) a importância de se conhecer a origem e a história de uma coisa para podê-la dominá-la. Certamente, percorrer o tempo em direção contrária implica uma experiência que depende da memória pessoal, ao passo que o conhecimento da origem se reduz à apreensão de uma história primordial exemplar, de um mito. Mas as estruturas são homologáveis: trata-se sempre de recordar, detalhada e precisamente, *o que separou no princípio* e a partir de então. (ELIADE, 1998, 83, grifos do autor).

No sentido do pensamento mítico (e seu desenvolvimento ulterior) e comparando à história pregressa do poeta, o seu desejo de reencontrar a origem e sua aplicação em sua construção poética, Eliade acrescenta:

o conhecimento da origem confere uma espécie de domínio mágico sobre as coisas. Mas esse conhecimento abre igualmente o caminho para especulações sistemáticas sobre a origem e as estruturas do Mundo. [...] Aquele que é capaz *recordar* dispõe de uma força mágico-religiosa ainda mais preciosa do que aquele que *conhece* a origem das coisas. (ELIADE, 1998, p.83, grifos do autor).

É nesse sentido, que a poesia mítica de Emílio Moura vai se direcionar. Orientado pelas musas, o poeta está em busca de um lugar paradisíaco, como o do tempo original. Assim, o poeta moderno se mostra avesso ao seu tempo, tempo das conturbações, sejam inscritas na vivência cotidiana e em suas adversidades (movimento incessante das cidades, mecanização dos homens, confrontos e guerras apocalípticas), sejam em seu aspecto metafísico e existencial. A figura da musa se apresentará como elemento de criação poética, como também de pacificação do eu lírico.

Grito teu nome aos ventos.  
Olha: há uma revoada marítima.  
O horizonte se afasta, há um ritmo largo  
de ondas que se espreguiçam.  
Velas esguias,  
para onde levam?  
Sulcos de prata,  
para onde levam?  
Amiga, amiga! Ah, dize-me depressa:  
Quem grita aos ventos o teu nome?  
O mar, ou eu,  
o grande mar que o está cantando?

Em “Mar abstrato”, de *Habitante da tarde* (1969), o mar adquire sua grandiosidade característica, símbolo máximo da criação original. O mar é o lugar, uma espécie de receptáculo de todo o tempo histórico, de onde o eu lírico é capaz de recriar o mundo novamente. Além da possibilidade de recriação de um tempo longínquo, por meio da imaginação, o poeta inventa aventuras que não teve, mas que poderia ter ocorrido. O poeta escafandrista submerso, transpassa o seu lugar terreno habitual, ocupando outro reino da natureza. Ele agora está no reino submarino, e é de lá, submerso no mundo dos sonhos e da imaginação, que o eu lírico retira suas aventuras imaginárias.

O ambiente marinho que propicia a ampliação do campo de ação do eu lírico o transporta para o passado, para o tempo das grandes navegações. Desejo do poeta ressuscitar o tempo das descobertas, o novo mundo. Em um plano ainda maior o habitante submarino, que já habitou a terra, sai do mar e agora, com asas, expande ainda mais a sua imaginação alcançando o reino aéreo.

Este navegante viaja em mundos supra-reais. Para se direcionar, nessa viagem, não utiliza a bússola, aparelho proveniente do mundo racional. Ele é guiado pelas forças cósmicas universais, as estrelas. O eu lírico se revela como um viajante sonhador que segue o ritmo marítimo.

A viagem empreendida pelo poeta é uma viagem de busca do conhecimento do incognoscível, ele quer conhecer o sentido da vida, mas o que encontra são apenas perguntas. Porque não existem respostas possíveis para esta questão. Qualquer resposta para questões tais como: de onde vim? , para onde vou após a morte?, qual o sentido da existência? seria provisória, pois qualquer tipo de conhecimento – científico ou metafísico – inevitavelmente será superado pelo avanço do conhecimento adquirido pelo homem no passar do tempo, que sempre elaborará novas respostas, por meio do aprimoramento científico e filosófico, para qualquer questão apresentada ao ser humano. Por isso, o eu lírico está sempre se perguntando, pois o sentido da vida é um mistério inalcançável. E a viagem pode justamente representar a busca de respostas do humano para as grandes questões que o envolvem em sua existência. Nesse sentido, a viagem é uma excursão de descoberta e de desejo de encontrar, pela imaginação poética, um sentido para a vida. Dessa forma, o que resta ao homem é pôr-se em movimento, navegar e, simplesmente, sentir o pulsar da vida. Em síntese, as grandes questões que permeiam a poética emiliana são: Há algum sentido na vida? Há um caminho correto a ser seguido na vida? Há sentido em todo esforço que empreendemos na vida, se o fim é a morte, que inevitavelmente nos levará ao nada?

Diante do mar recrio antigas velas  
se revivo aventuras que não tive.  
Que gênio submarino ainda recorda  
sulcos que abri nas ondas visitadas?  
Esse o porto, essa a praia, esse o penedo.  
Olha este mapa: ah, tudo ressuscita.  
Que sonho navegante se inaugura,  
que asas acordam, que visões retornam?  
Esse apelo é de bússola às estrelas.  
Veja quem sonha no alto dessa proa,  
que corpo joga o mar àquela praia.  
Quem apaga os roteiros que procuro?  
Quem astros me guiam, que águas interrogo,  
vela de nuvens sobre o mar de nada?

Em “Viagem”, de *O instante e o eterno* (1953), o poeta vislumbra uma possível saída – mesmo que provisória – da conturbação do mundo moderno em que o sujeito poético está inserido pela viagem interior à sua memória mais profunda e afetiva, à volta

à sua infância<sup>3</sup>. Este será o lugar aonde o poeta irá se refugiar, na tentativa de encontrar um ambiente que ele possa restabelecer o contato com um mundo imaginativo e inicial da infância perdida, elementos substanciais para sua criação poética.

Em nada mais te procuras.  
Estás só, Lúcido e só.  
Mais grave e lúcido. A infância  
ficou longe. Que viagem,  
teu vão roteiro sem nexo!  
Teu roteiro: houve roteiro?  
Não andaste. Foram eles,  
uns frágeis e ermos caminhos,  
reflexos de outros reflexos,  
também ermos, também frágeis,  
que se cruzaram contigo.  
Mas, quanta coisa guardaste!  
Riqueza tanta é possível?  
De onde tiraste esta pérola,  
esta rosa, este crepúsculo,  
esta lembrança, este vago  
sabor de beijo na boca?  
Como guardaste esta múltipla  
imagem que nenhum traço  
deixou no tempo? E a lembrança  
de certa forma intocada,  
cristal, lume, estrela, símbolo?  
Olha bem: este é o segredo  
que descobriste, de súbito;  
esta, a voz que te embalava;  
aquela, a mão que, segura,  
riscava um Arco-íris no ar.  
Repara nesta palavra,  
neste céu, nesta cantiga:  
como, intactos, ainda guardam  
sabor de antigas manhãs!  
Este pátio, esta varanda,  
esta ladeira, este córrego,

---

<sup>3A</sup> obra poética de Emílio Moura, de forma direta ou indireta, apresenta uma grande variedade de poemas que se referem à criança e a seu mundo lúdico, portanto essa temática pode ser percebida a olhos vistos e se revela de extrema importância para sua compreensão. O poema “Toada”, pertencente a Cancioneiro, é exemplar para percebermos a importância que Emílio Moura dá à infância em sua poesia. É dela que sua poesia provém: “Minha infância está presente./É como se fora alguém./ Tudo o que dói nesta noite,/Eu sei, é dela que vem.”.

esta concha, esta gravura,  
este caminho invisível  
estão contigo e se fundem  
na mesma substância mágica  
que faz de uma rosa Rosa  
e desta graça inefável  
o dom secreto, mas límpido,  
que insere o eterno no efêmero.  
Ah, quanta coisa guardaste:  
amor calado, mas único,  
chama viva, mas secreta;  
e esta pungente maneira  
de não ser, sendo demais.  
E, agora, lícido, calas.  
Estás só. Calas e escutas  
a voz que, mal se distingue,  
já não é voz – é silêncio.  
já nem sabes que sentido  
as coisas têm quando despem  
as formas que então lhes davas.  
Que ar esquivo, único, neutro,  
as coisas têm aos teus olhos!  
E estás só. Lícido e só.  
Para que fosses tu mesmo,  
quantas mortes te mataram!

Na poesia de Emílio Moura encontramos referências constantes à infância. Numa espécie de epifania, a memória do poeta mostra o que há de mais íntimo e profundo e nunca esquecido de sua vivência infantil. Estas lembranças pertencem tanto ao universo mágico e mítico quanto à sua vivência real. O poeta constantemente acena ao passado, distante de sua realidade adulta, de modo que o vivido e o imaginário infantil é reatualizado, materializando-se no poema. Nesse sentido, a criança está constantemente presente no poeta, fazendo com que a emoção infantil não se perca com o passar do tempo, mas se identifique com a própria emoção poética. Podemos dizer que o poeta busca resgatar um passado vivo que permanece atuante no presente, de forma intensa, permitindo que ele resgate um mundo perdido, capaz de reorientar o tempo presente. A presença da memória na poética de Emílio Moura, então, constitui um longo processo de imersão no passado, cujo ponto terminal é a infância, momento incorruptível da vida e dimensão irredimível da existência antes do toque viciado do mundo. Através da memória reencontra-se a origem, na recuperação da infância percebe-se a fuga das circunstâncias existenciais problemáticas do mundo adulto, nota-se o descontentamento frente ao vivido e voltamos para os primeiros anos, procura-se afastar de um meio social cujos princípios

não compartilhamos, numa espécie de tentativa de restauração do período de onde brotam as nossas recordações mais pessoais. Estas lembranças, assim entendidas, possuem o significado, dentre outros, do descontentamento com o presente. O poeta dá um testemunho da vida moderna e opondo-se a ela procura no mundo da infância uma resposta a este presente, na tentativa de resgatar os princípios básicos de união e fraternidade, numa busca de libertação e de retomada das raízes tanto poéticas quanto existenciais. Daí, essa vontade de preservação, esse saudosismo, essa procura permanente do tempo primitivo. Desse modo, a poesia se dá como meio de preservação, no adulto, da eterna infância e de seu olhar sobre o mundo, sempre renovador.

O que permanece na poesia de Emílio Moura é a angústia de pertencer a um mundo sem um sentido definido, situação que o faz se sentir um naufrago, perdido e sem uma rota determinada. Assim demonstra o poema “Naufrágio”, de *Entre o real e a fábula* (1969):

Meu grito não chega nunca  
lá onde a aurora é possível.  
A vida que nunca tive  
me sustenta sobre as águas.

Em “Viagem”, de *Noite maior* (1969) – livro que tem a morte como tema –, um dos últimos poemas do *Itinerário poético* de Emílio Moura é relevante para demonstrar a constante busca por respostas para o sentido da vida em sua lírica.

Viajo agora contigo.  
Que frios caminhos. Que ermas  
solidões. Que longa viagem.  
Mas vou contigo. Suspeito  
que nada sabes e calo-me.  
Teu jeito de atravessar  
nuvens, astros, nebulosas,  
que jeito de tão diferente  
do que tinhas e fazias  
sereno, à rosa dos ventos.  
Mas segues e estou contigo  
Não sabes que te acompanho.  
Não faças. Não ouves. Segues.  
Não falas. Apenas cumpres  
teu abstrato itinerário  
súbito aberto no bojo  
da eternidade. E que coisa  
fria a eternidade!

O eu lírico caminha com a morte em todo tempo de seu percurso pela vida. Ela é sua companheira constante, não há como enganá-la, o poeta sabe que seu fim, como de todos nós, é a morte. Não há saída possível para este fim impreterível. Não há nada a fazer, portanto não há outra saída a não ser seguir a viagem até o fim, o encontro com a eternidade. O poeta parece um tanto apaziguado com essa perspectiva, mas, no entanto, ainda não está inteiramente conformado com essa condição intrínseca à vida que tem por condição a própria morte. Por isso escreve seus poemas, uma maneira de resistir a passagem do tempo, lutar contra a morte e permanecer eterno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto poético de Emílio Moura parece se revelar por meio da busca de algo inalcançável, o conhecimento do incognoscível. As viagens interrogativas, como metáfora constante de sua poética, está estreitamente relacionada à busca do poeta (do homem) pelo não conhecido: o absoluto, a felicidade plena, o resgate do tempo original. Nesse sentido, a navegação empreendida pelo poeta, além de caracterizar-se por seu caráter metalinguístico, também pode ser considerada a mesma viagem de cada ser humano no decorrer de sua própria vida, em busca de um sentido para a existência.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. “Palma severa”. In: MOURA. Emílio. *Poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio editora, 1953.
- BARBOSA, João Alexandre. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. (Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai) São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1996.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. (Trad. Pola Civelli) São Paulo: Perspectiva, 1998.
- IANNI, Octávio. *A Metáfora da Viagem*. Enigmas da Modernidade - *Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LUCAS, Fábio (Org.). “Introdução e seleção: O poeta Emílio Moura”. In: MOURA. Emílio. *Poesia de Emílio Moura*. São Paulo, Art Editora, 1991.
- MOURA. Emílio. *Poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio editora, 1953.
- MOURA, E. *Itinerário poético: poemas reunidos*. Prefácio de Carlos Drummond de Andrade. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SEIXO, Maria Alzira. *Poéticas da viagem na literatura*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.
- TORRANO, Jaa. Estudo e tradução: HESÍODO. *Teogonia – A origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1995.